

ARGENTINA

Ajuda contra “faca no pescoço”

Lula promete a Fernández fazer uma ponte entre o país vizinho e o FMI para que dê alguma espécie de alívio, além de intervir junto ao banco do BRICS (que teria de mudar estatuto) para viabilizar garantias

» HENRIQUE LESSA

JoeP'dson Alves/Agência Brasil



Lula e Fernandez no Alvorada: compromisso do brasileiro na busca de soluções para a crise dos vizinhos, que se agravou com uma seca histórica

O presidente Luiz Inácio da Silva assegurou ao colega argentino, Alberto Fernández, depois de reunião no Palácio da Alvorada, não poupar esforços para ajudar o país vizinho a sair da grave crise econômica em que se encontra. Além de intervir para que o banco do BRICS (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) tenha algum dispositivo para auxiliar financeiramente a Argentina, ele prometeu tratar com os dirigentes do Fundo Monetário Internacional (FMI) para que proponham uma solução para “tirar a faca do pescoço” do país.

“Pretendo conversar, por meio do meu ministro da Fazenda (Fernando Haddad), com o FMI para tirar a faca do pescoço da Argentina. O FMI sabe como a Argentina se endividou, para quem emprestou o dinheiro. Portanto, não pode ficar pressionando um país que só quer crescer, gerar empregos e melhorar a vida do povo”, disse Lula.

O presidente brasileiro acrescentou: “Me comprometi com meu amigo Alberto Fernández que vou fazer todo e qualquer sacrifício para que a gente possa ajudar a Argentina neste momento difícil. Nós já conversamos com os BRICS para que possamos ajudar”.

A visita de Fernández ocorre no momento em que a Argentina enfrenta uma inflação superior a 100% ao ano, além da escassez de dólares, que tem dificultado a importação de produtos pelos argentinos. Para piorar, o país enfrenta a pior seca dos últimos 60 anos.

Segurança

A reunião no Alvorada durou quase quatro horas e as equipes econômicas brasileira e

argentina discutiram as garantias do país vizinho para os empréstimos aos exportadores brasileiros. Lula indicou a forma de assegurar-las poderia vir do Novo Banco de Desenvolvimento — o banco do BRICS —, mas isso depende de uma mudança no estatuto da instituição para permitir auxílio a um país não sócio do bloco.

“A presidente Dilma nos disse que, pela regulação do banco, eles não podem ajudar um país que não

é sócio. Não queremos que emprestem dinheiro para a Argentina, queremos que nos deem garantias, que, aí, facilita muito a relação do Brasil com a Argentina”, salientou Lula. A reunião no Alvorada contou com a participação, também, do vice-presidente Geraldo Alckmin e do presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Mais de 200 empresas brasileiras exportam produtos para a Argentina — principal parceiro

comercial na região —, em especial produtos do setor industrial, de maior valor agregado. Sem mecanismos que facilitem essas exportações para o vizinho, o Brasil perdeu espaço na balança comercial do vizinho. No ano passado, as exportações totalizaram US\$ 15,3 bilhões, enquanto que, uma década antes, o valor exportado chegava a quase US\$ 20 bilhões.

“Eu comemoro a posição do governo brasileiro a respeito da Argentina e do FMI. Como vocês

sabem, estamos negociando com o fundo o programa que nos comprometemos. As condições (do acordo) mudaram, não apenas por causa da seca. Valorizo o apoio que o presidente Lula nos deu, como país e como governo. Nos pediram para que fizéssemos alguns deveres de casa, que fizemos, que têm a ver com as garantias fiduciárias para que o Brasil possa fazer esses empréstimos”, assegurou Fernández.

Programas sociais replicados

A ministra do Desenvolvimento Social da Argentina, Victoria Paz, estuda a implantação de programas de assistência à população vulnerável semelhantes ao Bolsa Família e ao de aquisição de alimentos da agricultura familiar. Com esse objetivo, ela se reuniu, ontem, com o ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Wellington Dias, e para conhecer mais detalhes sobre os dois projetos.

Victoria destacou a importância das ações do governo brasileiro no combate à fome, além das iniciativas de transferência de renda, tarifas sociais de serviços básicos e compras da agricultura familiar para abastecer programas de assistência social. “Olhando e observando o que é feito no processo do Bolsa Família, aqui no Brasil, esta

reconfiguração que está sendo feita na nova gestão de Lula e de Wellington Dias, nos parece muito importante olhar esse novo programa de aquisição de alimentos da agricultura familiar. O presidente Alberto Fernández tem essa disposição de trabalhar por uma Argentina sem fome. Nos parece muito importante olhar esse novo Programa de Aquisição de Alimentos da agricultura familiar”, observou.

Na reunião regada a cajuína (bebida não alcoólica tradicional do Piauí), Wellington exultou com a possibilidade de programas de assistência social brasileiros serem replicados no país vizinho. “Tivemos a oportunidade de trocar ideias sobre a experiência da Argentina, que tem toda uma preocupação com as crianças, com os

mais jovens, em cuidar de quem mais precisa. O Brasil também tem um programa com esse cuidado e acertamos de trabalhar junto”, observou.

Wellington recebeu o convite para retribuir a visita à colega argentina. “Saio muito feliz dessa primeira agenda de trabalho e, claro, com uma possível visita de Wellington Dias e toda sua equipe à Argentina. “Nós estamos olhando muito também quando o Estado compra, de quem compra, de que maneira isso acontece, potencializando a agricultura familiar. Queremos potencializar a agenda da agricultura familiar na Argentina para que não faltem alimentos, para que essa oferta repercuta de maneira positiva no acesso à comida em todos os lugares do país”, comentou a ministra. (HL)

Roberta Aline/Ascom MDS



Wellington e Victoria: implantação de programas como os brasileiros

ALEXANDRE GARCIA

O ELEITOR PARAGUAIO PARECE ESTAR BEM INFORMADO. PERCEBEU QUE OS GOVERNOS DE ESQUERDA DA AMÉRICA LATINA NÃO ANDAM BEM. O DA ARGENTINA É UM FIASCO

Paraguai vencedor

O povo paraguaio acaba de eleger novo presidente. Santiago Peña, de 44 anos, sucede a seu correligionário do Partido Colorado, Mário “Marito” Abdo, amigo paraquedista do ex-presidente Jair Bolsonaro. Peña fez 43% dos votos, superando a coligação centro-esquerda, com 27%. Foi também uma derrota da igreja progressista, que apoiou o perdedor.

É a maior vitória da centro-direita, porque elegeu 15 dos 17 governadores e a maioria da Câmara e do Senado. Mais do que isso, o vitorioso em confiabilidade foi o sistema eleitoral eletrônico com comprovante impresso. Em duas horas, resultado confiável. Um modelo para o Brasil.

O eleitor paraguaio parece estar bem informado. Percebeu que os governos de esquerda da América Latina não andam bem. O da Argentina é um fiasco. No câmbio livre, são necessários 300 pesos para comprar um dólar. E pensar que o ministro da Fazenda do Brasil, Fernando Haddad, queria moeda única com o Mercosul...

Financiamento

No entanto, o governo do Brasil quer ajudar com financiamentos, pois lá é ano eleitoral. O problema é achar garantias.

O chileno Gustavo Boric, depois que

um plebiscito recusou sua constituição neoesquerdista, perdeu o rumo e já não sabe o que fazer. Na Bolívia, a vitória de Luis Arce parecia dar força a Evo Morales, mas o país ficou capenga com a hostilidade ao investimento privado e o câmbio fixo. Sem reservas, está com dificuldades de importar.

Na Colômbia, o presidente Gustavo Petro perde maioria no Congresso e ganha protestos nas ruas. No Peru, acabou na prisão o presidente esquerdista Pedro Castillo e a vice, Dina Boluarte, anda perdida — os protestos nas ruas já deixaram 39 mortos. No México, Manuel López Obrador tentou restringir a oposição numa lei

eleitoral e, agora, enfrenta as ruas.

Quando não produz apenas fracassos, a esquerda latino-americana tem sucesso ao implantar ditaduras, como é de sua ideologia. Cuba é a mais antiga delas — além de antiga, antiquada. Nicarágua e Venezuela seguem-lhe os passos. É de sua natureza: censura, prisões, autoritarismo. Uma vitrina para os brasileiros mirarem, com espelhos ao fundo. Votamos assim, teremos um destino assim.

Deixamos de amar a Constituição, que nos garante como Estado Democrático de Direito. O descumprimento de leis é corrente, a existência de Três Poderes é lesada pela hegemonia do Supremo

Tribunal Federal (STF) — o único poder sem a chancela do voto popular.

O Paraguai atrai investimentos brasileiros com um sistema tributário sensato e segurança jurídica. No Brasil, há fuga de capitais e de gente, por insegurança pessoal, patrimonial e jurídica. Se tivéssemos o comprovante do voto eletrônico, como no Paraguai, poderíamos garantir mais a vontade dos eleitores.

Por enquanto, vivemos mais um degrau para o totalitarismo: o projeto para censurar as redes sociais, sem respeitar Constituição, que em 1988 banuiu “toda e qualquer censura”. A História nos conta que ganhamos a Guerra do Paraguai. Mas foi em 1870. Agora eles estão ganhando.

8 DE JANEIRO

GDF nega transferir Torres para hospital

A Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) informou ao Supremo Tribunal Federal (STF), ontem, que não vê necessidade de transferir o ex-ministro da Justiça e ex-secretário de Segurança do DF Anderson Torres para o hospital penitenciário. O parecer enviado pelo comandante-geral, coronel Klepeter Rosa, é baseado em relatórios da equipe que presta atendimento médico aos presos. O documento afirma que as instalações “parecem adequadas para o estado atual de saúde mental” do detido.

A Gerência de Serviços de Atenção Primária Prisional, órgão vinculado à Secretaria de Saúde do DF, concluiu que o quadro de Torres “exige acompanhamento frequente”, mas descartou a transferência neste momento. “Entretanto, uma vez que se percebe alguma intenção para o auto-extermínio, o local realmente não será adequado, pois há muita privacidade, principalmente durante a noite, e múltiplos objetos dos cômodos em que se encontra podem ser usados com esse objetivo”, diz o relatório.

Torres está preso em uma sala de estado-maior no Batalhão de Aviação Operacional da PMDF. A prisão preventiva foi decretada na investigação sobre o papel de autoridades nos atos golpistas de 8 de janeiro e dura mais de 100 dias. Ele era secretário de Segurança do DF quando os bolsonaristas invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes.

A defesa do ex-ministro voltou a pedir, também ontem, a liberdade provisória de Torres. Um dos argumentos é que a prisão preventiva não deveria se alongar indefinidamente e poderia ser substituída por medidas cautelares, como o uso de tornozeleira.

Outro ponto levantado é que ele não é mais secretário do DF e, portanto, não poderia usar o cargo para tentar obstruir a investigação. O ex-ministro é a última autoridade presa no inquérito.

Os advogados também insistem que Torres está cada vez mais deprimido. Pessoas próximas afirmam que uma das principais inquietações dele é ficar longe da família. Uma das manifestações enviadas pela defesa ao STF cita um sentimento de “desânimo com a vida”.

Os advogados também contradizem o parecer da PM. Transcrevem um laudo atribuído à psiquiatra que atendeu Torres no fim do mês passado, quando recomendou a internação domiciliar diante do “risco de tentativa de auto-extermínio”.

Cabe ao ministro Alexandre de Moraes, relator da investigação, decidir se flexibiliza a prisão do ex-ministro. A defesa pede que reconsidere a decisão que negou a liberdade provisória ou envie o caso para análise no Plenário do STF.